



## O discurso e a ecologia nos quadrinhos de Chico Bento<sup>1</sup>

Flávia Talita Lucena das CHAGAS<sup>2</sup>.

Juscelino Neco de SOUZA JÚNIOR<sup>3</sup>

Silvana Maria da Silva MARTINS<sup>4</sup>

Marcilia Luzia Gomes da COSTA<sup>5</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN

### Resumo

Analisar o discurso construído na história de Chico Bento intitulada *Construindo um novo homem*. A investigação focaliza algumas questões centrais como a preocupação de Chico Bento e de sua família na preservação da natureza e o relacionamento entre a família de Chico, moradora da zona rural e da família de um construtor, cujos membros são moradores da cidade. Na análise da história, utilizam-se os recursos da análise de discurso. A opção teórico-metodológica pela AD deve-se à sua apreensão teórica não apenas dos processos verbais, mas principalmente dos sociais, históricos, políticos e ideológicos em que os discursos estão fundamentados. Realizada as análises, conclui-se que devido à convivência da família urbana com a rural, ocorreu uma conscientização do empresário e de sua família em relação à díade desenvolvimento e preservação do meio ambiente.

**Palavras-chave:** ecologia; quadrinhos; análise de discurso.

A noção de discurso tem adquirido nos últimos anos papel relevante nos trabalhos de Ciências Sociais e Comunicação. A incorporação do conceito, originalmente desenvolvido no interior da Lingüística, não se tem dado, entretanto, sem encontrar dificuldades, algumas oriundas de sua banalização conceitual, outras da complexidade que envolve a interdisciplinaridade e a recusa de modelos teóricos rígidos. A interdisciplinaridade e o abandono desses modelos podem contribuir para uma maior possibilidade de compreensão por parte de outras áreas do conhecimento que se apropriam do campo teórico proposto pela análise de discurso (AD).

A falta de clareza sobre o conceito e sobre a teoria da AD tem levado a equívocos que vão desde a identificação entre discurso e oratória, passando pela conceituação de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UERN. [ftalitalucena@gmail.com](mailto:ftalitalucena@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista. [nertaku@yahoo.com.br](mailto:nertaku@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 1º semestre do Curso de Jornalismo da UERN. [jocelio.martins@bol.com.br](mailto:jocelio.martins@bol.com.br).

<sup>5</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UERN, [marciliamendes@uol.com.br](mailto:marciliamendes@uol.com.br).



ideologia enquanto inversão do real e, por último, da identificação da AD com um método de estudos de texto.

O discurso deve ser analisado tendo em vista as condições de produção que o determina. Nesse sentido, é importante ressaltar a posição dos interlocutores, pois a atribuição de sentidos irá depender da posição que cada um ocupa em uma formação discursiva. O discurso surge no momento em que o sujeito participa da sua linguagem, pois, segundo Bakhtin (1993, p.88-9) “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto”.

Neste trabalho, concebemos a linguagem como discurso e não apenas como um instrumento de comunicação ou expressão de pensamento, ou seja, a linguagem compreendida como interação é um modo de produção social, não é neutra, nem imparcial ou inocente, uma vez que acontece em condição histórica de produção, deixando entrever as posições que os sujeitos ocupam na estrutura social.

Tratando mais especificamente dos quadrinhos, é importante ressaltar que não existem quadrinhos inocentes. Ideológico, sem dúvida alguma, o discurso do quadrinho marca em seu funcionamento a presença do social. Queremos dizer com isso que os quadrinhos de Mauricio de Sousa figurativizam, por meio das personagens e dos enredos, os temas que circulam na sociedade e revelam/desvelam concepções de mundo. Cada uma das personagens retrata através de seus discursos os seus lugares de poder reproduzindo falas que foram construídas ao longo da história.

É também especificamente na possibilidade que os discursos têm de exprimir as faces da ideologia que se podem definir as características de uma determinada forma de pensar as relações mantidas pelos homens. Se, como coloca Nattiez (1979), o processo de leitura é múltiplo e indefinido, também não podemos esquecer que a definição de um corpo ideológico só é possível porque estamos atribuindo sentidos aos diversos discursos que nos chegam cotidianamente.

O discurso é lugar de tensão, de enfrentamento, de confronto ideológico, não podendo ser analisado fora da enunciação, uma vez que os processos interativos que o constituem são histórico-sociais (BRANDÃO, 1997). Segundo esse raciocínio, o discurso seria o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos lingüísticos. Como ele promove essa articulação, não podemos perder de vista a relação intrínseca entre discurso e sociedade. Disso decorre que os estudos sobre o discurso não podem se



desvincular de suas condições de produção, pois tais condições são determinantes do discurso.

Um dos elementos que constitui as condições de produção do discurso é a formação discursiva, em que o sujeito está inserido. Ela “determina o que pode e deve ser dito em uma conjuntura histórica” (PÊCHEUX, 1997, p. 162). Dessa forma, o que define o sujeito é o lugar social do qual ele fala em relação aos diferentes lugares de uma esfera social. As condições de existência de um discurso são dadas pela resposta às seguintes questões: Quem pode falar o quê? Para quem e em que lugar? Seguindo também esse raciocínio, é bastante elucidativa a afirmação de Orlandi (1993, p. 108):

As formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. É a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões, etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

Isso significa que a formação discursiva é o lugar da construção de sentido. O sujeito atribui significados às mensagens de acordo com a sua inserção em uma determinada formação discursiva.

Se tomarmos o discurso como exercício de poder, devemos considerar que isso se deve ao fato de que o discurso é um campo de enfrentamento, lutas, conflitos e tensões entre diferentes posições enunciativas. É nesse sentido que o discurso é interpretado de forma diferente por diferentes sujeitos, constituindo-se em “efeitos de sentidos” (FOUCAULT, 1995).

### **A contribuição teórica de Michel Foucault para a AD**

A abordagem foucaultiana é profícua na medida em que coloca diretrizes para uma teoria do discurso. Foucault (1995) concebe os discursos como uma dispersão, isto é, como sendo constituídos por elementos que não estão formados por nenhum princípio de unidade. Caberia à AD descrever essa dispersão, buscando o estabelecimento de regras capazes de reger as formações dos discursos. Tais regras, denominadas pelo autor de *regras de formação*, possibilitariam a identificação dos diversos elementos que compõem uma formação discursiva. Foucault apresenta-as como um “feixe de relações”



entre os objetos do discurso, as diferentes formas de enunciação que permeiam o discurso, os conceitos e as diferentes estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, incluindo ou excluindo determinados temas e teorias.

O autor define discurso como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva, ou seja, “um discurso é um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 1995, p.124). Definindo o discurso como esse conjunto de enunciados, e os enunciados como performances verbais em função enunciativa, o conceito foucaultiano de discurso pressupõe, necessariamente, a idéia de “prática”. Sob essa perspectiva, a arqueologia propõe estudar as práticas discursivas, isto é,

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa. Foucault (1995, p.136).

De acordo com Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. Sua noção de enunciado não se confunde com a noção de proposição ou de frase, uma vez que, para ele, o enunciado não é uma unidade elementar que viria juntar-se às unidades descritas pela gramática ou pela lógica da frase, mas:

Uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 1995, p. 99. Aspas do autor).



Para Foucault (1995, p.113), o enunciado não é a projeção direta, sobre o plano da linguagem, de uma situação determinada ou de um conjunto de representações. Não é apenas o emprego, por um sujeito falante, de um certo número de elementos estabelecidos dentro de critérios lingüísticos. Assim, o enunciado para Foucault, em hipótese alguma, pode ser interpretado como a expressão direta de uma forma gramatical pura e simples. Bakhtin também vai se contrapor aos lingüistas de maneira geral concebendo um estatuto próprio ao enunciado, estatuto esse que o distancia (como Foucault) das referências puramente formais/gramaticais.

Os diversos conceitos elaborados por Foucault<sup>6</sup> (discurso, enunciado, formação discursiva, regras de formação, práticas discursivas e não discursivas) são fundamentais para os teóricos que se dedicam em analisar o discurso. Apesar de não trabalhar especificamente com o conceito de ideologia em seus estudos, conseguimos visualizar marcas da ideologia, através da profunda abordagem que ele realiza sobre o saber e o poder nas sociedades modernas. Além disso, Foucault não estabelece relações diretas entre o saber e o poder com a economia (a infra-estrutura), como no marxismo clássico.

Na concepção foucaultiana, o poder não se define na luta de classes e o Estado não é tomado como aparelho de reprodução da exploração de uma classe sobre a outra. Em seus estudos, o poder é lugar de luta, relação de força. Ele se exerce e se disputa. O poder funciona e se exerce como uma rede que se dissemina por toda a estrutura social com suas micro e poderosas ações, que estão em toda sociedade (SILVA, 2004).

Foucault não fundamenta suas idéias sobre o discurso com base na lingüística<sup>7</sup>; ele vai mais além, quando propõe analisar o discurso como um jogo estratégico e polêmico: o discurso não pode ser apenas analisado sob seu aspecto lingüístico, mas como jogo estratégico de ação e reação, de questões e respostas, de dominação e de recusa e também como luta e enfrentamento, “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2006, p.10). Resumindo, o discurso seria um lugar onde se refletiriam as tensões e os conflitos existentes na sociedade.

---

<sup>6</sup> Esses conceitos são discutidos com profundidade no livro *Arqueologia do saber*.

<sup>7</sup> Ressaltamos esse aspecto porque uma das críticas freqüentes que se fazem, quando se alude a uma teoria do discurso em Foucault, é que ele não tem uma teoria lingüística. Mediante ele mesmo afirmou, seu objetivo não é estudar a língua, mas os discursos. Entretanto, para estudar os discursos e partindo do pressuposto de que eles contêm enunciados cuja substância pode ser lingüística – subjaz às propostas foucaultianas uma teoria da linguagem – que ele explicita em muitas passagens, principalmente no capítulo da *Arqueologia* dedicado ao enunciado. (GREGOLIN, 2004, p. 94).



Não podemos esquecer, portanto, que as sociedades capitalistas são fortemente organizadas por um discurso que dá sentido também à reprodução do capital. Com isso, a produção desse discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por função eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder. (FOUCAULT, 2006, p.9).

### **Discurso e memória**

A concepção de interdiscurso nos leva a observar a relação entre memória e discurso. Toda produção discursiva, que se efetiva sob determinadas condições de uma dada conjuntura, faz circular formulações já enunciadas, fórmulas que constituíam a enunciação de um discurso anterior.

De modo bastante genérico, o interdiscurso é o que permite ao analista dizer que o discurso se constitui no jogo da interdiscursividade, isto é, na relação de um discurso com outros discursos.

Explicitando o funcionamento discursivo, Orlandi (1999), numa leitura de Pêcheux, afirma que o fato de que há um *já-dito* que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso. A observação do interdiscurso nos permite remeter o dizer a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. Assim, na produção de sentidos, haveremos de considerar que todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: o da memória que se manifesta pelo interdiscurso (constituição) e o da atualidade (formulação).

Por essa formulação podemos entender a relação da língua com a história postulada pela AD. Quando falamos da exterioridade como elemento constitutivo dos sentidos, estamos querendo explicar o processo pela relação que ele mantém com aquilo que, estando fora, mas lhe é constitutivo, inscreve-se na materialidade do discurso e o constitui. Temos que considerar a relação entre aquilo que é da ordem da língua (intradiscurso) e o que é da ordem da exterioridade (interdiscurso). Como o interdiscurso relaciona-se com a idéia de memória discursiva (a memória se atualiza pelo interdiscurso), ele inscreve a memória no fio do discurso e isso afeta o modo como o sujeito significa em uma dada formação discursiva e se constitui.

A memória se configura num dispositivo teórico-analítico imprescindível para explicar o processo de produção de sentidos. Para a análise de discurso, a memória é



entendida como “conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de ‘tecidos de índices legíveis’, em um corpo sócio-histórico de traços”. (PÊCHEUX, 1999). A toda formação discursiva é associada uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam ou transformam outras formulações. Memória não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história. A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas.

### **O discurso e a ecologia nos quadrinhos do Chico Bento**

*Chico Bento*, criado em 1961, teve como inspiração um tio-avô de Maurício de Sousa, a respeito do qual o autor ouvia diversas histórias que haviam sido contadas pela sua avó. Em 1982, foi lançada a primeira revista com a *Turma da Roça*, entre eles *Rosinha* (namorada de *Chico Bento*), *Zé Lelé* (primo de *Chico*), *Hiro* e *Zé da Roça*. A *Turma de Chico Bento* vivencia o cotidiano rural: o trabalho com a terra, o cuidado com os animais, a valorização das lendas e dos costumes campestres. Os amigos, além da professora, pais, vizinhos e Padre *Lino*, são as coadjuvantes das histórias de *Chico Bento*. Todas essas personagens divulgam a rotina de grande parte da população rural do Brasil e abordam questões particulares desse segmento social, principalmente a constante preocupação com a preservação da natureza, pois é dela que essa população retira seu sustento.

Nas histórias da personagem *Chico Bento* a temática ecológica é e já foi utilizada reiteradas vezes. O mote da preservação ecológica compõe-se quase que como uma estrutura narrativa diferenciada dentro dos subgêneros que compõem ficção da personagem. *Chico* assume uma postura diferente dependendo do papel social que está desempenhando, seguindo as conveniências da trama. Assim, podemos perceber inúmeras diferenças em seu comportamento quando ele está na escola ou na roça.

As narrativas que abordam a ecologia como tema compõem-se como um espaço privilegiado para a veiculação de determinados discursos e visões de mundo. Tomando como exemplo e objeto de estudo a história em quadrinhos intitulada *Construindo um novo homem*, podemos perceber como o discurso é urdido com intencionalidade clara. A primeira página desse quadrinho trás uma *gag*<sup>8</sup> visual que antevê e promete o choque

---

<sup>8</sup> A *gag* é uma construção visual estilizada que se faz presente nos quadrinhos, principalmente os infantis, com intenção cômica.



cultural que resultará do contato entre pessoas cuja socialização ocorre em espaços diferentes. Nela, podemos ver Chico Bento caminhando na mata calmamente enquanto admira uma libélula. No quadrinho seguinte, para grande susto da personagem, esse inseto é substituído por um helicóptero de brinquedo, seguido por uma criança da cidade que guia esse último por controle remoto.

Na fábula exemplar que se segue, onde em um primeiro momento o menino Téo mostra toda a tecnologia de seu trailer e em seguida, Chico apresenta seu modo de vida campestre, é feito um contraponto entre a visão de mundo dos habitantes do meio urbano e rural. No discurso veiculado percebe-se como o conceito de natureza é trabalhado a partir de diferentes demandas. Enquanto o empresário capitalista percebe a natureza como um meio para acumulação de riqueza, Chico e sua família seguem a tradição inaugurada pelo Romantismo da natureza como espaço de construção do belo e do intocável. Conforme Fernandes (2005, p. 20),

Observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debates e/ou divergências, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As oposições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares.

As visões de mundo das personagens do campo e da cidade em quase todos os sentidos são diametralmente opostas. Da mesma maneira que as pessoas da cidade percebem o campo como algo atrasado, Chico e sua família, a todo momento reiteram o quanto as coisas típicas da cidade parecem-lhe exóticas e um tanto extravagantes. A convivência dos dois grupos faz as diferenças caírem por terra, mas a sentido da aproximação é de mão única, não existe uma recíproca na troca de vivências e experiências. Nenhum tipo de bem-estar ou tecnologia é introduzido no meio rural enquanto esse último pode exibir-se como atrativo aos moradores da cidade.

O interdiscurso presente nessa história permite-nos perceber como o discurso capitalista e ecológico faz-se presente. Essas concepções discursivas, porém, assemelham-se pouco a seu outro real, presente na sociedade. A imagem do capitalismo veiculada é antes uma simplificação da exploração dos recursos naturais bem à maneira presente nos quadrinhos do Tio Patinhas. Em nenhum momento é mostrada a face da exploração “do homem pelo homem” e os empregados do empreiteiro são mostrados



como pessoas servis e felizes com sua função. A concepção de ecologia<sup>9</sup> é bastante idealizada, já propõe-se a subsumir a causa da preservação ambiental à questão da preservação das matas.

Essa simplificação, senão maniqueísta, ao menos simplória, tem a função clara de atingir o público infantil com mais intensidade. O mundo idealizado e muitas vezes paradoxal das histórias em quadrinhos infantis possui o apelo óbvio de construir uma realidade ficcional que possa ser fruída sem que seja necessário um grande conhecimento de mundo. Nesse contexto, a causa da preservação ecológica, apesar de sua clara idealização e comprometimento com as funções narrativas, mostra-se como um tema importante para educação e formação das crianças. A maneira como é tratado, porém, parece seguir bem a lógica um tanto antiquada dos quadrinhos da Turma da Mônica, onde o desnudamento da realidade é substituído pela mistificação e idealização das formações sociais.

### **Ecologicamente correto**

Na história em quadrinhos de Chico Bento *Construindo um novo homem*, podemos encontrar também, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. Ou seja, os sujeitos encontram-se em lugares socioideológicos contrastantes. Tomemos ideologia como “uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica” (FERNANDES, 2005, p. 29).

A família de Chico Bento traz uma ideologia de preservação da natureza. O que pode ser confirmado na fala de Chico Bento quando o filho de Amilton explica que o pai vai comprar as terras para represar o rio e construir uma hidrelétrica. Chico Bento pergunta o que vai acontecer com as plantas e animais. Já a família de Amilton tem a visão de explorar o meio ambiente com a finalidade de obter lucro. Isso pode ser entendido pela própria construção da represa e da hidrelétrica.

O fato ainda pode ser explicado pela maneira com a qual as duas famílias vivem. A família de Amilton vive na cidade e usufrui de todas as facilidades que a tecnologia pode oferecer. Já a família de Chico Bento pratica uma agricultura de subsistência, em que Zé Bento e Chico plantam os alimentos que a família necessita.

---

<sup>9</sup> O conceito de ecologia é utilizado como as relações entre os seres vivos e o meio ou o ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências. Estuda a estrutura e o desenvolvimento das comunidades humanas em suas relações com o meio ambiente e sua conseqüente adaptação a ele, assim como novos aspectos que os processos tecnológicos ou os sistemas de organização social possam acarretar para as condições de vida do homem.



O discurso da família de Chico Bento vai ao encontro do discurso dos ecologistas, que defendem a preservação do meio ambiente. Enquanto que Amilton e sua família têm o seu discurso entrelaçado com o dos capitalistas, que acreditam que a obtenção de lucro é mais importante do que a preservação da natureza. Esse entrecruzamento do discurso caracteriza o interdiscurso. Segundo Fernandes (2005), o interdiscurso marca o entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais.

Além de colocar o lucro sobre todas as coisas, Amilton e sua família ainda vêm todos os aspectos rurais como um atraso. Após perder o trailer com todos os mantimentos, a esposa de Amilton diz: “Oh! O que será de nós, aqui, no meio do mato, sem roupas... sem comida, sem tevê...”. Ou seja, ela atribui significados que no interior não existem condições de sobrevivência, inclusive porque não há televisão. Pode-se perceber o preconceito com o caipira que é devotado à natureza. O filho de Amilton chega a dizer que no trailer onde eles estavam tinha tudo que eles precisavam para sobreviver porque, lá havia fogão elétrico, microondas, tevê e banheira com hidromassagem.

A história ainda levanta as diferenças entre a cidade e o campo. Enquanto que Amilton diz que a chuva só traz transtorno nas cidades, Zé Bento, Bento afirma que ela é abençoada.

A família de Chico Bento ainda representa o discurso tradicionalista dos valores familiares. Um exemplo é o fato de todos se reunirem para conversar após o jantar. Depois da refeição, Amilton pergunta ao pai de Chico Bento o que eles fazem já que não têm televisão. Ao que recebe a resposta que eles conversam sobre o dia de cada um. Já a outra família assiste à televisão após o jantar e não costuma conversar entre si, o que representa uma quebra das antigas tradições familiares, o que é uma das características de pessoas que vivem nas cidades.

Em Fernandes (2005), tem-se que o sujeito não é homogêneo, mas o seu discurso se entrelaça com outros que têm origem em diferentes momentos da história. O discurso tradicionalista é formado por famílias que vivem no campo e desejam manter as mesmas tradições nas quais foram criadas.

Após perder o trailer e passar um dia na casa de Chico Bento, sem nenhuma comodidade com que eram acostumados a ter em sua casa, na cidade, ou no trailer. No campo, Amilton e sua família conhecem a natureza em várias de suas formas e percebem como a vida que eles levavam estava errada e que isso pode mudar. O filho de



Amilton chega a dizer que deseja construir sua casa campo. Toda a família também passa a integrar o discurso dos ecologistas e defender a preservação do meio-ambiente, acima dos lucros.

Maurício de Sousa, criador das histórias de Chico Bento, coloca que os capitalistas ávidos por lucro, podem mudar de opinião se conhecerem o meio-ambiente da mesma forma que a família de Amilton. E ainda, que as novas gerações também podem ser ensinadas a preservar o meio-ambiente. Dessa forma, podem ser construídos muitos outros novos homens, da mesma forma como aquela família teve sua vida e idéias mudadas.

O discurso de Maurício de Sousa também vai ao encontro do discurso dos ecologistas, que colocam a natureza como um bem a ser preservado. Ou seja, o discurso de Chico Bento revela o discurso do seu criador.

### **O trabalho discursivo do sujeito: a inscrição da autoria na materialidade dos quadros**

Na AD, o sujeito é tomado como uma posição sujeito. Isso significa que ao tomarmos a palavra produzimos sentido dos lugares sociais que nos constitui enquanto sujeitos. Como todo sujeito pertence a uma formação discursiva que, por sua vez, se liga a uma formação ideológica, os sentidos são produzidos desses lugares sócio-históricos.

Numa vertente foucaultiana, esse sujeito é pensado como constituído nas relações de poder. Assim, esse autor nos fala de dois processos dessa constituição: pela objetivação, o sujeito é produzido na ordem do estabelecido como verdade, como a norma, e esta é sempre uma verdade no sentido de servir ao exercício do poder. O poder é assim responsável pela fabricação de uma verdade sobre o sujeito. Pelo processo de subjetivação, o sujeito se constitui produzindo uma identidade que lhe é própria, resistindo às verdades que lhes são construídas pela objetivação.

Para Orlandi (1996, p.15),

O espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto – e que o constitui enquanto autor – deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso. O texto é essa peça significativa que, por um gesto de autoria, resulta da relação do “sítio significante” com a exterioridade. Nesse



sentido, o autor é carregado pela força da materialidade do texto, materialidade essa que é função do gesto de interpretação (do trabalho de autoria) na sua relação determinada (historicamente) com a exterioridade pelo interdiscurso. O sujeito, podemos dizer, é interpretado pela história. O autor é aqui uma posição na filiação de sentidos, nas relações de sentidos que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes que constituem a possibilidade de interpretação.

Com efeito, podemos dizer que a posição-autor se faz na relação com a constituição de um lugar de interpretação definido pela relação com o outro (o interdiscurso) e o outro (interlocutor). O autor se produz pela possibilidade de um gesto de interpretação que lhe corresponde e que vem de fora. O lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação. O efeito-leitor representa, para o autor, sua exterioridade constitutiva (memória do dizer, repetição histórica). Dissertando sobre a função-autor, Foucault assim se posiciona:

Desde o século XVII, esta função não cessou de se enfraquecer, no discurso científico: o autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito, um exemplo, uma síndrome. Em contrapartida, na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real. (FOUCAULT, 2006, p. 27-28).

Pode-se dizer ainda, que é no discurso que o homem produz e reproduz a realidade, os sentidos, pois o discurso é efeito de sentido entre locutores, que ocorre através da memória discursiva, isto é, do interdiscurso, este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. É essa memória – o interdiscurso - que, juntamente com o domínio do saber, dizeres já ditos ou possíveis apoiam toda e



qualquer formulação, ou seja, a forma como os dizeres se presentificam e dão ilusão de evidências, o que dá visibilidade ao modo como o sujeito se significa em uma determinada formação discursiva.

Pela noção de interdiscurso, estabelece-se a relação necessária entre língua e história, condição para que os sentidos se historicizem, permitindo a inscrição do acontecimento na estrutura. Dessa forma, entende-se porque tanto os sujeitos quanto os sentidos são determinados historicamente o que nos leva a pensar, num processo de significação, sobre as condições de produção, dado que a língua para significar inscreve-se na história. Isto não equivale afirmar que os sentidos permanecem desde sempre os mesmos, tampouco, que podem ser quaisquer uns. É porque se historicizam que os sentidos não permanecem os mesmos, mas é, também, pela mesma razão, que continuam como possíveis.

Assim, os sentidos se repetem, mas se deslocam, deslizam. Portanto, não se trata da repetição concebida no nível da empiria, ou seja, não se trata de uma repetição conteudística, mas lingüístico-histórica, pois pela noção de memória podemos pensar em um espaço do dizível que permite um lugar de partida, de um já dito que resurge.

### **Palavras finais**

Ao longo do percurso por nós empreendido tentamos explicar as nossas reflexões teóricas e situar o lugar de onde pretendíamos fazer a leitura de uma prática discursiva para verificar o seu funcionamento concreto. Consideramos a prática discursiva dos quadrinhos, que num recorte do gênero (uma história em quadrinhos de Maurício de Sousa) subsidiou as nossas análises, tomando a questão ecológica como “pano de fundo” para as nossas reflexões.

Na história analisada *Construindo um novo homem* observamos um jogo de significados se atentarmos para o fato de que Amilton é dono de uma construtora e, que pretendia construir uma hidrelétrica, mas quem termina passando por um processo de construção é ele próprio.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV), V.N. 1929. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7ed. São Paulo: Hucitec, 1995.



\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 25ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

GUSMAN, Sidney. *Mauricio quadrinho a quadrinho*. São Paulo: Globo, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1993.

NATAL, Chris Benjamin. *Os universos de Chico Bento: estereótipos de funcionamento universal e produção de sentido nestes quadrinhos de Mauricio de Souza*. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

NATTIEZ, J.J. *Problemas e métodos em semiologia*. Lisboa: Presença, 1979. (Coleções 70, nº 18).

ORLANDI, Eni. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas-SP: Pontes.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

REVISTA *Chico Bento*, nº 432. Rio de Janeiro: Editora Globo, março de 2004, n/p.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice, NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.